

Teologias em contexto africano

Theologies in an African Context

JOSÉ NUNES*

Uma possibilidade no modo de abordar esta temática seria a de considerar a pluralidade da produção teológica em África a partir dos seus autores, ou seja, a partir do elencar dos mais importantes teólogos africanos e suas respetivas obras e perspetivas. É o que fazem Bénézet Bujo e Juvénal Ilunga Muya, na grandiosa obra «Teologia Africana no século XXI – Algumas figuras», em 3 volumes, obra até já traduzida em português¹.

A nossa opção é outra: depois de um recorrido histórico sobre as teologias da missão que se desenvolveram a partir da realidade do continente africano, procuraremos enquadrar a rica e diversa produção teológica em África em grandes áreas temáticas, referindo algumas figuras a elas pertencentes.

1. As sucessivas teologias da missão em África

Por razões bastante diversas, tanto o continente americano (com uma mais rápida cristianização das sociedades) como o mundo asiático (de onde o cristianismo praticamente desapareceu no século XVIII) não

* Doutorado em Teologia Pastoral pela Universidade Pontifícia de Salamanca; Professor Associado da Faculdade de Teologia da UCP; Investigador do CITER/UCP; ORCID 0000-0003-1591-561X; jnunesop@ft.lisboa.ucp.pt

¹ Bénézet Bujo e Juvénal Ilunga Muya, *Teologia africana no século XXI – Algumas figuras*, 3 volumes (Prior Velho: Paulinas Editora, 2012).

se prestam tanto como o continente negro-africano (o Norte de África é realidade bem distinta) a uma leitura histórica das sucessivas teologias da missão².

Desde o século xv até hoje houve, naturalmente, vários discursos missionários para a África, cada qual ligado a determinada prática evangelizadora³. Digamos que o sentido evolutivo dessas teologias e práticas missionárias foi e é o de um crescente respeito para com aquele continente.

a) A «salvação das almas»

Desde o século xv até ao século xix, tal teologia assentava numa compreensão estreita do «fora da Igreja não há salvação». Interessava civilizar os bárbaros e batizar os condenados à perdição... Evangelização, pouca! Respeito para com os humanos, pouco; objetivamente, a missão esteve ligada ao tráfico de escravos e comércio vantajoso dos europeus. Respeito para com as culturas africanas, pouco; tudo era considerado atraso, superstição, paganismo!

b) A «implantação da Igreja»

Em finais do século xix e princípios do século xx, aparece uma nova estratégia e um novo pensamento missionário. Trata-se de plantar em África uma(s) Igreja(s) como no Ocidente: boa e organizada hierarquia (clero nativo), bons métodos (catecismo de Pio X), boas obras (missões cheias de oficinas, escolas, hospitais). Há, evidentemente, uma ainda grande dependência do estrangeiro, do Ocidente, mas é inegável um trabalho mais em profundidade por parte de inúmeras congregações missionárias, masculinas e femininas, o qual significou muitas vezes um progresso humano, espiritual e técnico-cultural nos países de missão.

² Além disso, para nós portugueses, a África assumiu uma importância tal que justifica a consideração específica que aqui se faz.

³ Sobre o tema cf. Oscar Bimwenyi-Kweshi, *Discours théologique négro-africain* (Paris: Présence Africaine, 1981), na primeira parte da obra (cerca de 300 páginas); José Nunes, *Pequenas Comunidades Cristãs* (Porto: UCP, 1991), 100-118.

c) A «adaptação» ou «pierres d'attente»

Nascidas do movimento negritude, certas teologias revelam um maior escutar da África. Há traduções da Palavra de Deus para as línguas e dialetos africanos, produção de catecismos locais, algum africanizar da liturgia. Mas é algo ainda superficial, feito sobretudo por ocidentais e a partir de quadros de pensamento ocidentais. Uma ação periférica bem retratada no título do livro de V. Mulago: «Visage africain du christianisme»(1962).

Resumindo: o que todas as teologias da missão ou africanização têm em comum é o facto de serem teologias «judaizantes»⁴. Trata-se de uma linguagem analógica mas com bastante sentido: assim como tentativas de imposição do judaísmo no cristianismo primitivo, também estas teologias são essencialmente pensamentos importados da Europa, muitas vezes acompanhados de um espírito de conquista e imposição mal dissimulados.

E assim, quer por simples intuição quer por métodos de reflexão crítica, muitos africanos se foram dando conta de que era necessário passar de uma adaptação superficial ou duma colagem do cristianismo ocidental às culturas africanas, a uma verdadeira encarnação da fé e mensagem cristãs em terras de África que, ela própria, desembocasse em teologias verdadeiramente africanas.

2. Os temas e os sujeitos da teologia africana

Dentro do mesmo horizonte de resposta ao «apelo a uma dupla fidelidade: a Cristo e à África»⁵, a teologia africana vive de uma enorme riqueza e diversidade de temas, os quais, por si só, constituem um repto à vivência de um são pluralismo. Seguindo a orientação de vários autores⁶, vamos aqui reuni-los em três grupos:

⁴ Cf. Bimwenyi, *Discours*, 182.

⁵ R.Vegetti, «A teologia africana,» *Igreja e Missão*, 22 (1982): 113-114.

⁶ Cf. Vegetti, «A teologia africana», 30-31; Tshishiku Tshibangu, *La théologie africaine* (Kinshasa: Ed.Saint Paul-Afrique, 1987); Justin Ukpong, «Bibliografia teológica africana,» *Concilium* 219 (1988): 257-266; José Cambuta, *Ecclesia in Africa: 20 anos depois* (Lic. Can. diss., <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/24039>, UCP, 2017).

a) Problemas levantados pelo espírito e valores das religiões e culturas tradicionais

Estudam-se aqui as religiões tradicionais, as instituições tradicionais de índole comunitária, vida e morte, indivíduo e grupo, etc. A partir daqui avaliam-se as consequências práticas que resultam para a teologia cristã do estudo de tais valores, por exemplo a nível dos sacramentos, liturgia, vida eclesial, sentido e consciência do pecado, relações com o mundo invisível, modelos africanos de vida religiosa consagrada...

b) Problemas respeitantes à integração nacional e cultural e o desenvolvimento socio-político do continente

Seria este o domínio do confronto da teologia africana com os problemas do racismo, da pobreza e da fome, a instabilidade política e económica, o militarismo, a corrupção, as ideologias do capitalismo ou do socialismo...

c) Problemas comuns a toda a cristandade e ainda não resolvidos na Igreja

Pensa-se no contributo africano aos temas do ecumenismo, especificidade do cristianismo e diálogo inter-religioso, ministérios (sobretudo os não ordenados), significado da missão da Igreja, relação Igreja universal/Igrejas particulares, pluralismo teológico...

3. Teologias de carácter universal e teologias contextuais

À luz do que acabámos de referir, poderíamos dizer que a produção teológica no continente africano contempla um polo mais universalista e outro mais contextualizado.

O polo universalista justifica-se, naturalmente, pois há temáticas que são comuns a todas as igrejas e continentes. E, mesmo se são africanos a fazer tal reflexão, isso não os enreda numa identidade de tal modo específica que os diferencie necessariamente numa reflexão distinta dos teólogos de outras paragens. De resto, o contrário seria inexplicável, desnecessário e até perigoso, como se pode constatar na letra e espírito desta afirmação de Eloi Messie Metogo: «No diálogo e na crítica construtiva, é altamente desejável que os africanos se especializem no estudo

da cultura ocidental, e que os ocidentais continuem a estudar a cultura africana.»⁷

O polo mais contextualizado, isto é, aquilo que habitualmente se designa por teologias africanas ou teologias em contexto africano, poderia considerar três tipos de perspetivas: as teologias culturalistas, as teologias da libertação e a mais recente teologia da reconstrução.

Há, de facto, uma tendência mais culturalista, aquilo a que chamamos teologia da inculturação, com nomes importantes como A. Kagamé, O. Bimwenyi, A. Ngindu Mushete, E. Mveng, M. Hebga, T. Tshibangu ou E-J. Penoukou. É uma tentativa de diálogo profundo entre Evangelho e culturas africanas, em que tudo é assumido mas em que tudo é passível de conversão. Tentativa de grande respeito pela África, onde devem aparecer novas formas de vivência cristã dentro da unidade de fé. Os maiores frutos, até agora, são talvez as Pequenas Comunidades Cristãs – P.C.C. (organização de Igreja), o rito zairense (liturgia), as cristologias africanas (teologia). No mundo da lusofonia, poderíamos aqui citar os trabalhos de: José Luzia, sobre as comunidades cristãs e os ministérios em Moçambique, com a obra «Uma Igreja de todos e de alguém»⁸; Lázaro Messias Carvalho, com a tese doutoral e obra publicada «Doença e cura em África»⁹; Gaudêncio Yakuleinge, com a tese de doutoramento na UCP «Os ritos de ovakwanyama à luz da teologia dos sacramentais» (2014); Paulino Mulamba, com a tese de doutoramento na UCP «O fenómeno dos novos movimentos de apostolado fundados em Cabinda» (2015); Joaquim Tyombe, com a tese de licenciatura canónica na UCP «O modelo de Igreja-Família» (2014). Isto sem esquecer, de modo algum, a revista *Didasko*, aparecida no Huambo/Angola, nos anos 80 do século passado, e com várias dezenas de números publicados e a reclamarem um estudo sério por parte de alguém.

Por outro lado, apareceram teologias mais críticas, mais interessadas nos contextos socio-políticos do continente, com o seu numeroso

⁷ Eloi Messi Metogo, *Afrique et Parole*, Lettre 13, Paris 1985/6, 1.

⁸ José Luzia, *Uma Igreja de todos e de alguém* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2011).

⁹ Lázaro Messias Carvalho, *Doença e cura em África* (Lisboa: Roma Editora, 2009).

rol de carências económicas, e desconfiando de um olhar (possivelmente alienante) para as culturas «tradicionais». Nas correntes da teologia da libertação nascidas nos anos 70 na África do Sul no contexto do *apartheid*, mas que rapidamente se estenderam a todo o continente, muito conectadas com as reivindicações políticas e os processos nacionalistas de independência, teríamos hoje nomes como A. Nolan, J-M. Ela, F-E. Boulaga ou E. Messie Metogo, todos eles com significativa obra publicada¹⁰. No campo lusófono, certamente poderíamos aqui citar a Tony Neves, com a tese e obra publicada «Angola – Justiça e Paz nas Intervenções da Igreja Católica (1989-2002)»¹¹, e também a Arcanjo Sitimela, com a sua tese doutoral na UCP «A pastoral social na diocese de Quelimane -1978-2008» (2015). E, importante não esquecer, os números da revista *Reflexão Cristã*, publicada em Lisboa pelo CRC, nos anos 1988-1990.

Quanto às mais recentes teologias da «reconstrução», deveríamos lembrar o seu verdadeiro pai, o teólogo protestante queniano Jesse Mugambi¹², e o seu grande divulgador e continuador, o congolês Ka Mana¹³. No campo lusófono, é incontornável a figura do angolano M. Matumona¹⁴, triste e precocemente desaparecido de entre nós, com as suas teses de licenciatura canónica e doutoramento na UCP, em Lisboa, posteriormente publicadas. Esta chamada teologia da reconstrução é como que uma sucedânea das duas anteriores: não rejeita a necessária consideração dos valores culturais tradicionais nem tão pouco a urgência da justiça e paz, desenvolvimento e libertação. Mas atende mais ao presente africano, àquilo que designa como «modernidade africana», onde encontramos um

¹⁰ Por exemplo: Jean-Marc Ela, *Le cri de l'homme africain* (Paris: L'Harmattan, 1980); Albert Nolan, *Jesús antes del cristianismo* (Santander: Sal Terrae, 1981); F. E. Boulaga, *Christianisme sans fétiche* (Paris: Présence Africaine, 1981); Metogo, *Théologie africaine et ethnophilosophie* (Paris: L'Harmattan, 1986).

¹¹ Tony Neves, *Angola – Justiça e Paz nas Intervenções da Igreja Católica-1989-2002* (Lisboa: Ed. Texto, 2012).

¹² Jesse Mugambi, *From Liberation to Reconstruction: African Christian Theology after the Cold War* (Nairobi: East African Educational Publishers, 1995).

¹³ Ka Mana, *Teología africana para tiempos de crisis. Cristianismo y reconstrucción de África* (Estella: Ed. Verbo Divino, 2000).

¹⁴ Muanamosi Matumona, *A reconstrução de África na era da modernidade* (Uíge: SEDIPU, 2004); Muanamosi Matumona, *Cristianismo e Mutações Sociais* (Uíge: SEDIPU, 2005).

continente já não sujeito apenas a antigas tradições nem tão-pouco em processos de emancipação política face a potências coloniais... mas um continente que carece de uma verdadeira reconstrução a todos os níveis. Citemos a M. Matumona: «Para a África, o problema atual é de reconstruir o continente em todos os sentidos: religioso, moral, económico, político, cultural [...] A questão da reconstrução de África deve considerar as inumeráveis “feridas sociais” do continente que são os problemas mais candentes de África. Daí, o papel da Teologia Africana da Reconstrução de influenciar também o contexto cultural, interpelando a Palavra de Deus e projetá-la nas novas conceções e nas novas situações.»¹⁵

Conclusão

As teologias africanas são, afinal, a afirmação justa e natural da necessária pluralidade na reflexão teológica, muitíssimo bem fundamentada, aliás, no belo documento da Comissão Teológica Internacional sobre o *Pluralismo Teológico* (já de 1972), cuja tese n.º 9 afirma:

«Por causa da natureza universal e missionária da fé cristã, os acontecimentos e as palavras reveladas por Deus devem ser cada vez mais repensados, reformulados e revividos dentro de cada cultura humana, se se quer que forneçam uma verdadeira resposta às questões que estão enraizadas no coração de cada ser humano e que inspiram a oração, a adoração e a vida quotidiana do povo de Deus. Assim, o Evangelho de Cristo conduz cada cultura à sua plenitude e, ao mesmo tempo, submete-a a uma crítica criativa. As igrejas locais que, sob a direção dos seus pastores, se aplicam a esta árdua tarefa da encarnação da fé cristã, devem sempre manter a continuidade e a comunicação com a Igreja universal do passado e do presente. Graças aos seus esforços, estas Igrejas contribuem tanto para o aprofundamento da vida cristã como para o progresso da reflexão teológica da Igreja universal, e conduzem o género humano em toda a sua diversidade à unidade querida por Deus.»¹⁶

¹⁵ Matumona, *Cristianismo e Mutações Sociais*, 152.

¹⁶ Comisión Teológica Internacional, *El pluralismo teológico* (Madrid: BAC, 1976), 12-13.

Bibliografia

- Bimwenyi-Kweshi, Oscar. *Discours théologique négro-africain*. Paris: Présence Africaine, 1981.
- Bouloga, Fabien Eboussi. *Christianisme sans fétiche*. Paris: Présence Africaine, 1981.
- Bujo, Bénédzet, e Juvénal Ilunga Muya, *Teologia africana no século XXI – Algumas figuras*. 3 Volumes. Prior Velho: Paulinas Editora, 2012.
- Cambuta, José. *Ecclesia in Africa: 20 anos depois*, Tese de Licenciatura Canónica, <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/24039>. Lisboa: UCP, 2017.
- Carvalho, Lázaro Messias. *Doença e cura em África*. Lisboa: Roma Editora, 2009.
- Comisión Teológica Internacional. *El pluralismo teológico* (Madrid: BAC, 1976).
- Ela, Jean-Marc. *Le cri de l'homme africain*. Paris: L'Harmattan, 1980.
- Luzia, José. *Uma Igreja de todos e de alguém*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2011.
- Mana, Ka. *Teología africana para tempos de crisis. Cristianismo y reconstrucción de África*. Estella: Ed. Verbo Divino, 2000.
- Matumona, Muanamosi. *Cristianismo e Mutações Sociais*. Uíge: SEDIPU, 2005.
- Matumona, Muanamosi. *A reconstrução de África na era da modernidade*. Uíge: SEDIPU, 2004.
- Metogo, Eloi Messi. *Théologie africaine et ethnophilosophie*. Paris: L'Harmattan, 1986.
- Mugambi, Jesse. *From Liberation to Reconstruction: African Christian Theology after the Cold War*. Nairobi: East African Educational Publishers, 1995.
- Neves, Tony. *Angola – Justiça e Paz nas Intervenções da Igreja Católica (1989-2002)*. Lisboa: Texto Editores, 2012.
- Nolan, Albert. *Jesús antes del cristianismo*. Santander: Sal Terrae, 1981.
- Nunes, José. *Pequenas Comunidades Cristãs*. Porto: UCP, 1991.
- Tshibangu, Tshishiku. *La théologie africaine*. Kinshasa: Éd. Saint Paul-Afrique, 1987.
- Ukpong, Justin. «Bibliografia teológica africana.» *Concilium* 219 (1988): 257-266.
- Vegetti, R. «A teologia africana.» *Igreja e Missão* 22 (1982): 113-114.

Artigo não sujeito a avaliação.



Diretrizes para autores/as

Os autores ou autoras interessados/as em publicar na revista *Ephata* devem apresentar contribuições originais, remetendo-as no formato indicado e submetendo-as com todos os dados. As contribuições devem ser submetidas, preferencialmente, no portal da revista, seguindo as indicações fornecidas. Em alternativa, podem ser enviadas para o e-mail da revista: ephata@ucp.pt. A revista *Ephata* não cobra qualquer taxa aos/as autores/as pela publicação ou processamento dos artigos. Na fase da produção, a revista encarrega-se de eliminar as referências ao autor ou autora.

TIPOS DE COLABORAÇÃO

1. Artigos relativos ao tema do fascículo;
2. Artigos de tema livre;
3. Pequenos artigos de carácter científico, comentários de atualidade teológica, boletins bibliográficos sobre temas teológicos especiais, etc.;
4. Notícia da existência, referência arquivística e resumo do conteúdo de inéditos teológicos portugueses; publicação de inéditos teológicos portugueses mais importantes, eventualmente com paginação dupla ou independente; boletins e repertórios bibliográficos da produção teológica dos países da Comunidade Lusófona e de produção estrangeira sobre a história da Teologia em Portugal;
5. Recensões de obras de interesse científico, que cumpram os critérios formulados no art. 1.º, e elenco de todas as obras enviadas à Equipa Editorial.

ARTIGOS

Para publicação, é necessário que a contribuição seja pertinente e inédita. Os artigos devem possuir as seguintes características:

Formato: Word ou semelhante.

Extensão: o texto, sem contar as notas, pode oscilar entre 35 000 e 60 000 caracteres, incluindo espaços.

Letra: Times New Roman, tamanho 12.

Espaço entre linhas: simples.

Resumo: 150-200 palavras.

Bibliografia no final.

Deve iniciar com o título, em português (ou língua original do artigo) e em inglês, seguido do nome do(s) autor(es) ou da(s) autora(s), a filiação (Faculdade, Universidade ou outra instituição), junto com a identificação ORCID e ResearchID, e o e-mail de contacto, um resumo (de 150 a 200 palavras) e um máximo de cinco palavras-chave, ambos em português (ou língua original do artigo) e em inglês. A revista *Ephata* aceita contributos nas seguintes línguas: Português, Inglês, Espanhol, Francês, Italiano, Alemão. A bibliografia colocar-se-á no final do artigo, ordenada alfabeticamente, com um máximo de 25 referências, e não mais do que 3 do(s) autor(es) do artigo. O sistema de citação será Chicago (resumido em https://www.chicagomanualofstyle.org/tools_citationguide/citation-guide-1.html#cg-interview), segundo a variante com notas de rodapé e bibliografia final.

DIREITOS DE AUTOR/A

Os textos que se publicam na revista *Ephata* estão sujeitos aos seguintes termos:

1. O autor ou autora que envia o seu artigo à *Ephata* compromete-se a autorizar exclusivamente a sua publicação nesta revista;

2. A *Ephata* conserva os direitos patrimoniais (copyright) dos textos publicados, permitindo e até favorecendo a reutilização dos mesmos, mediante licença de uso, indicada no ponto seguinte;
3. Os textos publicam-se na edição eletrónica da revista ao abrigo da licença de uso Creative Commons By (CC BY) <https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/es/>. Pode-se copiar, usar, difundir, transmitir e expor publicamente, sempre que: i) se cite a autoria e a fonte original da sua publicação (revista, editorial e URL da obra); ii) não se use para fins comerciais; iii) se mencione a existência e especificações desta licença de uso.

Aos autores cabe tanto a responsabilidade das opiniões expressas nos seus trabalhos como os direitos de autor sobre os mesmos. Contudo, para efeito de posterior publicação ou reprodução dos trabalhos publicados nesta revista, o/a autor/a deverá solicitar autorização à revista, assim como fazer menção explícita de que tais trabalhos foram publicados originalmente na revista *Ephata*.

DETEÇÃO DE PLÁGIO

Quem desejar publicar na *Ephata* compromete-se a que todos os seus textos sejam totalmente originais e a evitar qualquer elemento que possa ser considerado plágio, seja o plágio literal, o mosaico, o parafraseado não citado ou a referência entre aspas, não citada. A revista dispõe de meios para a deteção do plágio. No caso de que os avaliadores detetarem elementos que possam entrar na consideração de plágio, a revista procederá a uma análise exaustiva, recorrendo a especialistas externos, se necessário.

PROCESSO DE AVALIAÇÃO POR PARES

O processo de avaliação dos artigos enviados à revista *Ephata* segue a seguinte ordem: 1) Análise da adequação aos critérios e normas para publicação na *Ephata*. Assim, serão devolvidos aos/às autores/as os artigos que: a) o/a autor/a e/ou coautor/a (se houver) não possui a titulação de doutor, com exceção de recensões, cujo tipo de texto pode ter a autoria de doutorandos/as e doutores/las; b) não possuem a forma de artigo científico usualmente praticada nos periódicos e indicada acima: resumo, palavras-chave, abstract, keywords, introdução, conclusão, bibliografia. 2) Pré-avaliação, por parte da Equipa Editorial. Nessa fase, o artigo é submetido a aplicativos de verificação de similaridade textual com conteúdos existentes na Internet e a uma análise sobre a relevância, qualidade metodológica e científica do texto. 3) Avaliação cega por pares. Os artigos são encaminhados, sem a identificação do autor, a dois avaliadores da área temática do texto, selecionados pelo(s) coordenador(es) do respetivo número da revista. Para a seleção dos avaliadores e das áreas temáticas, é considerado o conjunto de informações acessíveis na plataforma ORCID ou outras semelhantes. O foco da avaliação levará em consideração as dimensões teórico-crítica e metodológica do texto, tendo em conta a contribuição para a produção, o avanço e a divulgação do conhecimento. O prazo para avaliação é de até 30 dias. No caso de conflito entre posições avaliativas, o artigo poderá ser enviado para outros avaliadores e/ou membros da Equipa Editorial. A decisão final sobre quaisquer conflitos e sobre a publicação do texto é reservada à Equipa Editorial, que levará em conta o conjunto do processo avaliativo e o código de conduta para normas editoriais. Compete ao(s) coordenador(es) de cada número a verificação de que o autor corrige o artigo, de acordo com as eventuais indicações dos avaliadores. 4) Conclusão do processo avaliativo. O artigo, uma vez aceite para a publicação, segue para adequação aos padrões do texto impresso. Após tais ajustamentos, o manuscrito será encaminhado ao/à autor/a, para verificação final.